

IMAGENS DO AMOR NA POÉTICA DE LEONILDA HILGENBERG JUSTUS E OLGA GRECHINSKI ZENI

IMAGES OF LOVE IN LEONILDA HILGENBERG JUSTUS' AND OLGA GRECHINSKI ZENI'S POETIC

Vanderlei Kroin¹

RESUMO

O amor é essencial à vida, de modo que é tema e motivo presente em obras literárias em variados tempos e espaços. Do Oriente à Grécia e desta à contemporaneidade dos poetas e escritores menos conhecidos, o sentimento amoroso está presente. Nesse sentido, o presente trabalho se propõe ao exercício de analisar a presença de imagens poéticas do amor que se apresentam consubstanciais e estruturantes nas obras das autoras paranaenses Leonilda Hilgenberg Justus (1923-2012) e Olga Grechinski Zeni (1921-2018). Para tanto, nos fundamentamos nos preceitos teórico/críticos de Rougemont (1988), Lewis (2017), Jung (2005), Paz (1994) entre outros.

Palavras-chave: Leonilda Hilgenberg Justus, Olga Grechinski Zeni, Poesia, Amor.

ABSTRACT

Love is essential to life, in such a way that it is a recurrent theme in literary works in many spaces and times. From the East to Greece and from there to modern times of lesser known poets and writers love is ever present. In this sense, the present work aims to analyze the presence of poetic images of love that are substantial and structural in the works of the authors from Parana, Leonilda Hilgenberg Justus (1923-2012) and Olga Grechinski Zeni (1921-2018). And in order to do that, the critical and theoretical approaches used were those of Rougemont (1988), Lewis (2017), Jung (2005), Paz (1994), among others.

Key words: Leonilda Hilgenberg Justus, Olga Grechinski Zeni, Poetry; Love.

Considerações iniciais

A imagética do amor é bastante explorada na literatura ocidental. Dos gregos à contemporaneidade, o sentimento ocupa lugar na mente e em obras de filósofos e poetas. Na literatura brasileira e paranaense, igualmente, encontramos autores e autoras

¹ Doutor e Mestre pelo Programa de Pós Graduação em Letras (PPGL) Área de Concentração em Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Oeste do Paraná/UNIOESTE. E-mail: vanderleikroin@gmail.com

que não deixaram de cultuar o amor nas produções criadas. É o caso das poetas paranaenses Leonilda Hilgenberg Justus, nascida em Ponta Grossa e Olga Grechinski Zeni, nascida em Irati, as quais tem o tema do amor como um dos pilares sustentadores de suas respectivas produções.

No que concerne à imagética amorosa presente nos versos olguianos e leonildianos, as nuances vão do *Eros* grego ao *Ágape* bíblico, passando pelo *Storge* e pelo *Philia*. Rougemont (1988) observa que *Eros* e *Ágape* são duas forças ou correntes oposicionais, duas ‘religões’ que disputam espaço na vida e cultura ocidental. Tais correntes ou amores que podemos designar como “Amor é um deus” (*Eros*) e “Deus é amor” (*Ágape*). Conforme o autor,

A primeira corrente é a da *mística unitiva*, que tende à *fusão* total da alma e da divindade. À segunda corrente podemos chamar da *mística epitalâmica*, que tende ao casamento da alma com Deus, mas pressupondo uma distinção essencial entre a criatura e o Criador. (ROUGEMONT, 1988, p. 111. Grifos do autor).

Quanto ao *Storge*, Lewis (2017) define-o como afeição e diz ser esse sentimento o mais instintivo dos amores, sendo caracterizado sobretudo pela ‘sensação’ de familiaridade, “é o amor mais humilde, pois não procura impressionar. As pessoas podem se orgulhar de estar amando ou de alguma amizade. A afeição é modesta – até mesmo discreta e envergonhada [...]” (LEWIS, 2017, p. 54).

O *Philia*, Lewis define como amizade. Conforme Aristóteles (2013), esse sentimento, quando pleno, caracteriza-se pela nobreza da reciprocidade, intimidade e sinceridade mútua. Segundo o filósofo, a amizade verdadeira implica virtudes compartilhadas, benevolência, sentimento agradável desvinculado de interesses.

A amizade não é apenas necessária, mais também nobre, pois louvamos os homens que amam os seus amigos e considera-se que uma das coisas mais nobres é ter muitos amigos. Ademais, pensamos que a bondade e a amizade encontram-se na mesma pessoa. (ARISTÓTELES, 2013, p. 164).

Essa concepção de amizade transparece na obra de Olga Grechinski Zeni e Leonilda Hilgenberg Justus. Elas exploram, em seus versos, sobretudo o lado bondoso e sociável do humano. Considerando essas quatro categorias ou sentimentos (*Eros*, *Philia*, *Storge* e *Ágape*) como nuances de um mesmo e único amor ou cada uma delas como um

amor em si mesmo, buscamos identificá-los na poemática das autoras citadas, mostrando como as duas ora se aproximam, ora se distanciam na concepção imagética de amor que injetam em seus versos.

Em Leonilda, o amor está algumas vezes erigido pelo carnal, com picos de profundo e sutil erotismo. O impulso de *Eros* se manifesta vigoroso em inúmeros versos da autora. No caso dessa poeta, nascida na cidade de Ponta Grossa, as outras três nuances do amor delineadas acima se fazem presentes, interligando-se inúmeras vezes, afinal, o campo do amor não se propõe a ser excludente.

Em relação à poeta iratiense, excetuando-se o *Eros* (que recai no sensual e erótico), praticamente inexistente nos poemas, verificamos que as outras três formas manifestas de amor elencadas estão comumente presentes e entrelaçadas, muitas vezes, visto ser o amor constituinte e indissociável do ser humano e motor da vida. Também é motor substancial da arte, especialmente da poesia, que reverbera o jogo de relações do humano com seus pares e com o mundo.

A presença do amor nos versos olguianos e leonildianos

Acerca do amor, observa Jung que “O “amor” aparece empiricamente como força do destino *par excellence*, seja manifestando-se como baixa concupiscência ou como afeição espiritual. Ele é um dos mais poderosos motores das coisas humanas.” (JUNG, 2005, p. 15). Sendo um poderoso elemento presente nas reações humanas, é inevitável que apareça nas vivências e convivências dos sujeitos e, de uma forma ou de outra, ressoe nas obras artísticas e literárias.

O amor é a unidade da vida, sinaliza o sentimento relacionado às virtudes. É uma necessidade para todos os sujeitos. A coragem de “Dizer-te quero amor”, como estampam os versos de Olga, no poema abaixo é, para além de uma declaração de amor em particular, a exaltação do júbilo que o amor incute na vida de todo ser humano.

Dizer-te quero amor...

a pureza do sentimento explora
a maneira de dizer-te amor
é tanto que o coração implora
e enche o peito transborda evapora
e reflete-se na alma em flor

é um punhado de doce encanto
é satisfação bem querer ilusão
é puro sentimento é a voz de espanto
que enche o peito e reflete o canto
que deita na página e manifesta paixão

é uma paixão sublime e quente
é um amor doçura envolvente
é um amor jamais vivido
é um amor jamais esquecido
é um amor que brota do coração

(ZENI, 2002, p. 73).

De início o poema já traz a pureza do amor e essa característica está espalhada no sentimento ressonante que atua no ser todo. Corpo e alma estão embebidas de amor. Vê-se a imagem do coração acelerado com a felicidade do sentimento, transbordado de vivacidade e bem-estar e constituindo um orgânico conjunto que se reflete na alma em flor, ou seja, o amor é marca da unidade cósmica, união de corpo e alma; sempre assimilação, contato com o outro. É uma pulsão agregadora, conforme salientam Chevalier e Gheerbrant:

O amor depende também da simbólica geral da união dos opostos, **coincidentia contrariorum**. É a pulsão fundamental do ser, a libido, que impele toda existência a se realizar na ação. É ele quem atualiza as virtualidades do ser. Mas essa passagem ao ato não se produz senão pelo contato com o outro, por uma série de trocas materiais, sensíveis, espirituais, que são igualmente choques. O amor tende a vencer esses antagonismos e assimilar forças diferentes integrando-se em uma mesma unidade. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2006, p. 46. Grifo dos autores).

A construção do amor não se sustenta no vazio. Conforme se vê, necessita de contato, projeta-se em empatia, caridade, agregação, paixão, desejo. Tudo isso faz parte das pulsões vitais do humano encadeadas pelo contato, pela interação. O poema acima exposto não exprime somente a exaltação de um amor individual, particular, fundamentado nas relações e trocas materiais (poder-se-ia dizer, carnis, pulsão sexual, o *Eros*), mas se insere no âmbito do universal, visto ser contagiante e marca de uma vida sadia.

Na segunda estrofe, o amor continua a ser acalorado com desígnios positivos e se converte, no verso final, em poesia. Vai do ser poeta inebriado pelo sentimento para a

página escrita, sugerindo um caleidoscópio de sensações irradiadas pela força e presença deste. O amor é também um impulso para a criação poética. A impossibilidade de descrever racionalmente o sentimento do amor e mesmo a dificuldade de expressá-lo em palavras a outrem, faz com que seja apenas sugerido, escrito, e a poesia parece o melhor recanto para tal. Quando o amor se derrama em poesia, o sujeito abre um sorriso para o universo.

O amor, além de estar ligado à poesia, sendo motivo do versejar, dos gregos até a contemporaneidade, também costuma ser comumente associado ao coração. No poema anterior, essa palavra é fundamental, tanto que finaliza o poema como fonte da qual nasce o amor. Não à toa, o coração tem uma simbologia de centro e, no Ocidente, de acordo com Chevalier e Gheerbrant (2006) tornou-se símbolo associado à afetividade e ao amor. Segundo os referidos autores,

O coração, órgão *central* do indivíduo, corresponde, de maneira muito geral, à noção de centro. Se o Ocidente fez do coração a sede dos sentimentos, todas as civilizações tradicionais localizam nele, ao contrário, a inteligência e a intuição: talvez o *centro* da personalidade se tenha deslocado da intelectualidade para a afetividade. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2006, p. 280. Grifos dos autores.).

Um órgão para dispersar o que é central na vida humana: o amor. Com esse sentimento o coração acelera, os sorrisos nascem, as alegrias florescem e os dias se embelezam. Tudo fica envolvido em um centro de felicidade, como se apresenta no poema acima mostrado. O amor fortalece e é inspiração, necessita ser poetizado, escrito, como o é um devaneio, defendido por Bachelard:

Para dizer um amor, é preciso escrever. Nunca se escreve demais. Quantos amantes não correm a abrir o tinteiro mal chegam de seus encontros amorosos! O amor nunca termina de exprimir-se e se exprime tanto melhor quanto mais poeticamente é sonhado. Os devaneios de duas almas solitárias preparam a doçura de amar. Um realista da paixão verá aí apenas fórmulas evanescentes. Mas não é menos verdade que as grandes paixões se preparam em grandes devaneios. Mutilamos a realidade do amor quando a separamos de toda a sua irrealidade. (BACHELARD, 2009, p. 07-08).

E que meio mais propício a exaltar o amor senão pela poesia? A irrealidade inexplicável que comanda o amor ultrapassa a vertigem do erotismo, o regozijo altruísta, constituindo-se como a pulsão fundamental e vital para a vida. O amor é

Revista de Letras Norte@mentos

também uma realidade inconsciente. É tão imprescindível que não escapou à sensibilidade dos poetas. Tão vital que é tomado por esses artistas da palavra como mote e fonte de inspiração ao longo do tempo.

Pela sua universalidade, o amor não pode ser apanhado como mote ou motivação poética por alguns poucos, mas pode e deve ser, inadvertidamente, guia e imperativo movente essencial da própria poética em si. O poema pode ser datado, o poeta situado historicamente, mas isso nem tem importância, num primeiro momento, se o poético nos toca, dispara em nós emoções e sensações, antes de ideias e conceitos.

Assim como o amor, o poema foge dos tesos julgamentos, implica o mergulho em devaneios que dão leveza ao ser e o levam para um estado de autoconsciência de si que o vivifica e revigora profundamente. O amor expansivo, o amor que é o da gratuidade, da inocência, o amor que traz experiências reveladoras e reanimadoras está presente na poesia que é, afinal, amor, como se mostra no poema de Leonilda.

Poesia é amor

Achei a poesia engalanando
aquele ermo triste, desbotado;
perdido num final de mundo, achado
por mero acaso... brilhos ofertando!

Achei a Poesia, bem ao lado
das lágrimas daquela mãe orando –
carinho e entrega imensa, cintilando:
e puro sentimento sublimado!

Achei a Poesia numa flor.
No sol. Nas nuvens – êxtase e emoção
na conscientização da pequenez...

- Ó Deus! E descobri, enfim, que o amor
é Poesia! É inspiração!
Quem não ama, não cria, uma vez!

(JUSTUS, 1985, p. 41).

Onde estão presentes o amor e o poético tudo se revigora, ganha vida e força. Em tudo em que é colocado, o amor incute bons fluidos. O poema acima mostra a busca do amor na poesia e busca da poesia pelo amor. As pinceladas de amor que começam com os passos do eu lírico encontrando a poesia em vários lugares e circunstâncias,

auscultando a vida
e eu te amo

tudo é um fruir
sensível do evento
e eu te amo

prendem-se os passos
a terra os submete
e eu te amo

tudo é esperança
esperança verde
e eu te amo

tudo é ilusão
é anseio é mentira
e eu te amo

tudo é cansaço
é tontura é mortificação
e eu te amo
mas... há também doçura...

em tudo que existe
o mais que existe
é lindo porque é doce
é lindo porque é triste
é o dizer convicto
eu te amo
dentro da tempestade
da feliz bonança
da realização contínua
e necessária
ainda brota
eu te amo

no universo
translúcido
ou submerso
um só grito
se verifica
eu te amo
um som jamais extinto
uma voz exígua e calma
sem pressas sem medida
dentro do caos que o homem traça
ainda clama
eu te amo

tudo é essência
significativa e pura

dentro do imenso calor humano
o mar se faz de vagas
e
o homem é o produto
eu te amo
(ZENI, 1985, p. 107-108-109).

O eu lírico costura esse poema de versos curtos, como uma onda serpenteante que vai impingindo no trajeto dos versos gotas auspiciosas de amor no decorrer do tempo. O amor martela em todas as estrofes, fecha cada uma delas. Abre, portanto, novos ciclos de vida, continuidade e renascimento. O cosmo contém um núcleo de amor, integrador; o amor é um cosmo expansivo, um centro de força que busca sempre agregar.

No poema o eu lírico mostra um amor transcendente. Nas primeiras estrofes se vê que a passagem do tempo não desgasta o sentimento, ao contrário, ele fica fortalecido, amadurece com o devir temporal. É o característico *Ágape*, nada volúvel como o *Eros*. A partir da quarta estrofe é-nos mostrado eventos positivos da existência em que o amor se faz presente. Esse sentimento não está desconectado dos bons momentos da vida.

A nona e a décima estrofes marcam a presença do amor em momentos adversos. Nessas ocasiões ele é necessário para reestabelecer o equilíbrio. O verso “eu te amo” precedido de “ilusão” e “mentira”, na nona estrofe sinaliza a presença do perdão. A repetição do mesmo verso na estrofe seguinte, precedido de “cansaço”, “tontura”, “mortificação” mostram o amor agindo como acalanto.

Deus e amor restaurados pelas imagens da poesia, alinhados em uma linguagem que nos faz ingressar nos devaneios mais profundos e percorrer os versos dos poemas que falam de amor e do divino é imergir no mais profundo de nós mesmos e despertar nosso eu interior, de modo a perceber o quanto somos ligados ao sagrado. Ouvir intimamente os poetas é percorrer inconscientemente um cosmos e devanear, pois, conforme assinala Bachelard, “[...]os poetas nos arrastam para cosmos incessantemente renovados [...]” (BACHELARD, 2009, p. 24).

Ao devanear sonhar com palavras poéticas impregnadas de Amor e do divino, nos deslocamos do material para o espiritual. Penetramos no cosmos que integra e descobrimos a força que têm essas duas palavras. Elas são alimento ao humano e

quando recusadas há sofrimento e desequilíbrio. É nas relações sociais que esse sentimento se presentifica e por meio dele é que se verifica a saúde das pessoas e da sociedade. O amor é estimulante, conforme assinala Jung,

Certamente, as dificuldades das condições de vida e as adversidades da luta pela existência nos oprimem, mas situações externas graves não impedem o amor, muito pelo contrário, no caso elas poderão até nos estimular a realizar grandes esforços (JUNG, 2005, p. 17).

E amar, de fato, exige esforço e entrega. É uma troca de energias. E isso estimula ao crescimento espiritual das pessoas. O amor é luz na vida, como apontado na trova de Justus, a seguir. Nesse poema vemos o encanto e a felicidade afeiçoante que, conforme Lewis (2017) impregna e constitui o *Storge*. O eu lírico denomina irmão o estranho que lhe sorri, demonstrando recíproca afeição. Aqui, percebemos esse amor como ingrediente de outro que pode surgir dessa troca de energia: a amizade, embora o eu lírico não mostre isso nos versos. Não é simples e fácil sorrir para estranhos, o que mais facilmente se vê é o rir com ou rir dos estranhos e, sendo, no poema, o estranho colocado como um irmão, percebe-se o vestígio também do *Ágape*, reforçando a questão da grande irmandade humana muito presente na mística cristã que se arrola adjunta e transparece na poemática de Justus e Zeni.

23

Irmão, é aquele que passa
ao teu lado à revelia!
- Dá-lhe o sorriso que abraça
a alma e ilumina o dia!

(JUSTUS, 1985, p. 55).

Um sorriso recebido acolhe sempre. É um conforto que marca a alma e o dia, trazendo leveza a quem o recebe e a quem o distribui. Conforme Lewis, “[...]Se a Afeição se tornar o soberano absoluto de uma vida humana, as sementes germinarão [...]” (LEWIS, 2017, p. 82). Sorrir é demonstrar empatia e sobretudo, amor. A irmandade colocada no poema acima é caracterizada como a boa relação afetuosa entre os humanos, sem laços propriamente consanguíneos.

Quando não há afeição e empatia nas relações humanas, as pessoas se distanciam e há um esfriamento nas vivências. Nas premissas da mística cristã, os sujeitos, feitos à imagem e semelhança da deidade criadora são tomados por irmãos e as

relações fraternas, quando fortalecidas, refletem uma vida plena de afetividade e amor. É o que nos mostra o eu lírico nos versos a seguir:

Céu no coração

Se num repente, assim, em doação fraterna,
a vida fosse fada em hora-sofrimento;
capaz de transformar a dor num só momento,
em alegria viva, quente, ecoante, terna...

Se a vida fosse, enfim, um mar-encantamento,
em ritmo vai e vem - oscilação eterna...
Em ritmo sol-calor, astral-terreal lanterna...
Se a vida fosse assim...de paz a amor sem vento...

Então... céu estaria em cada coração,
batendo em singular acorde de harmonia.
Batendo em singular compasso, uma oração.

Se num repente, a vida, assim, nos envolvesse...
Com céu e paz e amor em nossa companhia...
talvez até...homem nenhum, jamais morresse!

(JUSTUS, 1999, p. 27).

O eu lírico do poema denuncia a condição mundana e preocupa-se com a melancolia do ser humano, o qual necessita urgentemente repensar os laços da fraternidade perdida. Alude, então, ao céu como modelo idealizado onde há paz e amor. A positividade do céu, no âmbito do imaginário religioso cristão ocidental explica o porquê é sempre tão requisitado como exemplo a ser seguido para a melhor convivência da humanidade.

Os dois primeiros quartetos revelam consternação perante a vida. O eu lírico revela aflição com a situação que envolve a existência. Tudo parece ter sido perdido, esvaído de ternura, de alegria, de paz, de encantamento. Tudo está dividido de tal maneira que está formado o caos. Para resolver, a amizade fraternal perdida deve ser reanimada. A fagulha da amizade e da afeição deve ser reavivada nos corações para que o mundo volte a ter a paz e a serenidade que foram perdidas.

O mundo descrito no poema é o do ‘sem amigos’. Sem amigos o mundo se torna vazio, sombrio, tenebroso. Com amigos, torna-se cheio de esperança, despertam-se os sorrisos, injeta-se alegria na vida; o coração fica radiante, com a mesma leveza do céu. Por isso a amizade é tomada como uma virtude por Aristóteles. É um

desejo de convívio e, acima de tudo, parceria agradável que conforta. Conforme o filósofo, em relação aos amigos,

simple fato de vê-los é agradável, sobretudo se nos encontramos numa situação de adversidade, e torna-se uma salvaguarda contra as aflições, pois um amigo tende a confortar-nos tanto pela sua presença como pelas suas palavras, se é uma pessoa de tato, pois conhece o nosso caráter e as coisas que nos agradam ou nos fazem sofrer. (ARISTÓTELES, 2013, p. 205).

Lewis (2017) considera a amizade como um amor espiritual e raro e observa a impossibilidade do estabelecimento dessa relação bilateral entre a criatura humana e a criatura divina. A amizade tem a força de unir os humanos no mais forte dos laços e ao mesmo tempo tem o inconveniente de não ser laço suficiente para unir a divindade (superior) e o humano (inferior), pois ambos estão em patamares diferentes no imaginário da mística cristã.

A espiritualidade da amizade, que é reflexo divinal é buscada e pedida pelo eu lírico em “Céu no coração”. Este, convicto das negatividades que afligem o humano, oprimido pelo peso do pecado, ressalta a necessidade de ter reavivada a leveza que o céu suscita, para que a vida seja menos conturbada. Nos tercetos finais se nota a positividade em conexão ao divino: sinônimo e recanto de paz e amor e isto está sendo extremamente necessário ao humano. O último verso do poema reforça essa necessidade. É simultaneamente um grito de desespero e um apelo enlutado.

A morte indigente que é a tragédia cabal da vida sem amizade e afeição se mostra forte no mundo insensível. O não se importar com a morte concreta e real de outrem é sinal de frieza, egoísmo, insensibilidade. Quando o eu lírico diz que “talvez...homem nenhum, jamais morresse!” está buscando enquadrar o ser humano na fraternidade e irmandade que o fortalece quando as relações são estabelecidas sob o princípio do amor e tal sentimento não se desconecta do mítico céu presente no imaginário cristão.

O poema então, mostra o céu como um espaço radiante de amor, e o título “Céu no coração” remete à necessidade do amor para que o ser humano viva em plenitude, ou seja, em paz. O eu lírico mostra uma pujante fé na melhora nas relações e, por consequência, no mundo. Ao colocar, céu, paz e amor como algo necessário à vida ele ressalta sua preocupação com o aniquilamento do humano, reconhece que as relações

estão conturbadas e difíceis, mas mostra, ao final, otimismo e esperança de que tudo melhore se o amor tiver espaço nas vivências e relações interpessoais.

O amor, na poética de Justus e Zeni, não se desgarra da religiosidade, notadamente a cristã. No escopo da obra das autoras, amar a vida, para o fiel cristão, é agradecer e agradecer a Deus pela vida e fazê-la por viver conforme sua lei e mandamentos de amor maior. Assim, o amor que emana da divindade e deve ser ressoante entre os humanos é o da livre doação, demandada pela fraternidade coletiva, fundamental no ideal do *Ágape*.

amor fraterno

uma face se encobre macilenta
mostra-nos o seu sabor
uma velhinha
que no solo senta
poucos percebem falta-lhe amor

outra nos olha com mágoa e dor
sorri seu abraço estende
quem sabe o que ela sente
falta-lhe vida falta-lhe amor
ó irmão teu PAI deseja
reparte o bem que te doou
que a tua mão seja benfazeja
abençoada seja
por QUEM sempre nos amou

(ZENI, 1968, p. 18).

Investimos no amor e o exultamos se nos doamos verdadeiramente. Com esse gesto nos aproximamos do divino, pelo seu consentimento misericordioso, que nos instrui sempre a estar no grande abraço da fraternidade. Plenos de caridade e amor, podemos nos reconhecer no outro, perceber suas agruras, dores e faltas e estender-lhe a mão. Essa é a lição de amor fraterno que o eu lírico expõe no poema acima.

Falta sensibilidade a muitos para perceber as dores que assolam o outro; “poucos percebem falta-lhe amor”, relata o eu lírico na primeira estrofe, ao mostrar a velhinha que está isolada da (e pela) sociedade. Essa sociedade pragmática, prática, indiferente, que não observa e não acolhe, alheia a tudo o que pareça lhe estorvar de alguma maneira (os diferentes, os doentes, os velhos, os deficientes), empurrando-os à margem tanto quanto possível e cada vez mais.

Falta amor a essa velhinha, não de si para o mundo, mas do mundo para si. O

Revista de Letras Norte@mentos

mesmo acontece na próxima estrofe, em que o eu lírico mostra uma outra, com o olhar magoado e dolorido, abandonada, a estender o braço em busca de algum afago, na esperança de um pouco de afeto, querendo repartir o amor, porque o amor repartido é laço e bonança, sinal de recompensa pela divindade. O amor que se diz guardado e não se transforma em obras e gestos acolhedores é, na verdade, outra coisa, é um nó que vai aos poucos enforcando a vida.

Repartir sinceramente o que se tem é repartir junto com isto o amor. Ao fazê-lo, esse sentimento não se consome conforme pode parecer; pelo contrário, se fortalece e ganha um lastro de vigor que une pontes e restaura elos partidos. Na tradição cristã, quem acolhe seu próximo e lhe tem amor em sinal de fraternidade se confirma na imagem do justo e bendito que alcançará o reino dos céus. O amor sara e salva e deve sempre estar a serviço das relações, isto é um desejo do Deus, conforme expõe o eu lírico na estrofe final do poema. E esse desejo ou lei que impele o cristão a doar e repartir, faz do *Ágape* uma comunhão do divino com o humano e deste com o seu próximo, conforme assinala Rougemont:

Para *Ágape*, não há fusão nem exaltada dissolução do eu em Deus. O Amor divino é a origem de uma nova via, cujo ato criador se chama comunhão. E, para que haja uma comunhão real, é necessário haver dois sujeitos e que eles estejam presentes um para o outro: portanto, um seria para o outro o próximo. (ROUGEMONT, 1988, p. 55. Grifo do autor).

Reconhecer-se nessa comunhão com o divino, portanto, na mística cristã não é confundir-se com a divindade, mas tê-la como caminho e chegada. Estender as mãos aos desamparados e pequeninos, repartir o amor com o outro é instaurar uma relação benevolente com o divino. “Que a tua mão seja benfazeja” diz o eu lírico nos versos finais do poema “Amor fraterno”. Essa mão não é a que somente repassa bens materiais, mas, e principalmente, é a que acolhe, acarinha, porque muitas vezes o que se necessita não é de esmola - de míseras moedas dadas para se livrar mais rapidamente do pedinte -, o que se precisa, sem que nem sempre isto seja percebido, é de um gesto de empatia, que propicie um conforto não necessariamente material. A caridade e o amor devem alcançar o corpo e acalentar a alma.

O amor fraternal do poema acima ultrapassa laços sanguíneos. Na perspectiva do eu lírico engloba a coletividade. A religiosidade cristã coloca o humano como criatura

Revista de Letras Norte@mentos

de Deus e, portanto, parte de uma grande coletividade que é iluminada pelo *Ágape*, este amor nobre e altruísta que rejeita condicionalidades para se doar. É o amor que na relação vertical Deus/humano, criador/criatura se mostra circulante no par dádiva-necessidade. Dádiva de cima para baixo, necessidade de baixo para cima.

Nos poemas acima mostrados há o trânsito do *Ágape*, *Philia* e *Storge* que tem presença salutar na poética de Olga e Leonilda, especialmente o *Ágape*. Pelo seu aspecto sacrificial e indistinto, o *Ágape* da religião cristã é sinônimo de caridade e é evocado nos versos das duas poetisas, pois elas se colocam como partícipes da comunidade cristã. Mostram, nos poemas, a religiosidade e o amor a ela atrelado e assim reiteram, na conjuntura de suas produções, a máxima “Deus é amor”.

Como já assinalamos, a predominância na conjuntura dos versos das duas poetisas se dá pela presença do *Ágape*, sendo o *Eros* praticamente inexistente na obra de Zeni e explorado com sutileza quando aparece nos versos de Justus. União, fusão, sofrimento e ventura são duas faces desse amor, que conjuga corpo e alma, entrelaça-os em um único sentimento, inexprimível, inexplicável, vital. O *Eros* é viver e morrer simultaneamente, como vemos nos versos abaixo:

- Meu amor com que ternura
vejo amor no teu olhar...
Nele eu me atiro, e é loucura...
mas nele, eu vou me afogar!
(JUSTUS, 2002, p. 71).

Esta curta trova de Leonilda mostra a força que *Eros* tem. É um impulso que está nas fronteiras da destruição e da loucura. A afirmação parece incongruente, mas significa a potencialidade que esse amor tem de fazer perde-se a razão. A “loucura” que toma conta do eu lírico no terceiro verso mostra a irracionalidade inconsciente caracterizadora desse amor e “eu vou me afogar”, no quarto verso, igualmente, demonstra o desejo irrefreável que o *Eros* representa. Afogar-se no *Eros* é mergulhar no desejo insano de amar. É entregar-se à dor, no fim de tudo. É sacrificar-se, como observa Rougemont:

Eros, nosso Desejo supremo, só exalta nossos desejos para sacrificá-los. A realização do Amor nega todo amor terrestre. E sua Felicidade nega toda felicidade terrestre. Considerado *do ponto de vista da vida*, tal Amor só poderia ser uma infelicidade total.

(ROUGEMONT, 1988, p. 52. Grifo do autor).

Rougemont nos mostra *Eros* como essência da infelicidade pela incompletude e falta que sempre o acompanha. Inverte-se a premissa cristã do amor *Ágape*: o “Deus é Amor” transforma-se em “o Amor é um Deus”, avassalador e inconsequente, pois que não conhece limites e não ampara os sacrificados. *Eros* é o amor caracterizado pela lascívia, voluptuosidade, sensualidade, libertinagem, entre outras adjetivações que o colocam na esfera do erótico, do desejo e atração sexual, da paixão carnal. Esse amor, no entanto, não se resume somente a uma condicionalidade animal (arregimento de pulsão sexual), mas se caracteriza, mais profunda e psicanaliticamente como força e energia vital que sustenta a vida humana.

O erotismo é uma dialética. Está presente na filosofia, na psicologia, na arte, na poesia, na vida corrente das pessoas. Implica um jogo de esconde-esconde, do racional com o irracional, envolve os sentidos. A sóbria razão não se acerta com a emoção da paixão erótica. Entendemos mais esse *Eros* sentindo-o nos versos dos poetas do que em vozes dos filósofos, como observa Octavio Paz.

Para a tradição filosófica *Eros* é uma divindade que comunica a obscuridade com a luz, a matéria com o espírito, o sexo com a ideia, o aqui com o além. Por meio destes filósofos fala a luz negra, que é a metade do erotismo: meia filosofia. Para encontrar visões mais completas é preciso recorrer não só aos filósofos, mas também aos poetas e aos romancistas. Refletir sobre *Eros* e seus poderes não é a mesma coisa que expressá-lo: este último é o dom do artista e do poeta. (PAZ, 1994, p. 26-27).

Talvez compreendamos mais o *Eros* no seio do poético justamente por estar mais fortemente ligado ao amor, primordialmente a poesia lírica. Em todas as épocas da história, o amor sempre foi imagem presente na imaginação dos poetas. Dos gregos, com Safo de Lesbos, às poetas e aos poetas anônimos e desconhecidos do século XXI, o amor embala muitos versos. A gama de autores (as) que versejaram acerca deste sentimento, com picos maior ou menor de erotismo, é imensa.

Está incluída aí neste rol, evidentemente, a poesia paranaense e brasileira, com nomes como Cecília Meireles, Olga Savary, Hilda Hilst, Lya Luft, Adélia Prado, Helena Kolody, Laura Santos, Adélia Maria Woellner, Gilka Machado, Cristiane Sobral, entre outras. Dessas mulheres todas (e outras), chegamos em Leonilda, com poemas que

vivificam e exaltam o amor, sendo alguns de seus versos salpicados de sensualidade e erotismo. Em “Amor”, por exemplo, se esmiúça singelamente o *Eros* percorrendo os versos, com suas flechas marotas a alvejar os corações.

Amor

Amor... um sentimento em voo ao infinito.
Nas asas, o calor e o frio das emoções,
conforme o tempo, à luz ou sombra do finito,
acontecendo em graus de múltiplas razões...
Amor... o hóspede de um coração bonito,
quentinho e sensual, ansiando sensações
as mais gostosas de um alucinado rito
em leito com lençóis marcados por paixões...

Amor... imã que atrai alguém a outro alguém.
Se não atrai...amor não é, nem foi jamais.
É só ficar...modismo atual, sem parabém.

Amor...é eternidade à luz de amor-verdade,
rogando trocas de carinhos especiais,
para, com mão nas mãos, um par-eternidade.

(JUSTUS, 1999, p. 33).

Já no primeiro verso se tem o amor como “um sentimento de voo ao infinito”, ou seja, o estar apaixonado significa imergir, aos suspiros, em um mundo de felicidade. O voo e as asas, aqui, são sintomáticos, pois simbolizam a leveza da alma, sintoma e sinal contidos em um amor profundo e/ ou de uma paixão ardente. *Eros* é liberdade e imprudência conectadas.

No segundo quarteto é que *Eros* se manifesta com mais força. Nesses versos há alusão ao carnal, ao rito sexual, ao coito. “O *Eros* deseja *corpos nus*”, observa (LEWIS, 2017, p. 100). Uma espécie de consumação é necessária a este amor, a pulsão derradeira que o caracteriza em seu sentido mais estrito é da necessidade do desejo carnal, o instinto animal mais primordial, conforme salienta Jung (2005). No terceiro verso dessa estrofe o eu lírico se refere a um “alucinado rito” e no verso anterior a “sensações”, mostrando a voluptuosidade dessa pulsão desejante que busca o gozo da totalidade sem medir as consequências.

Evidentemente, *Eros* não é simplesmente a animalidade do instinto, não é somente desejo e pulsão sexual, mas é algo bem mais complexo; instaura-se psicanaliticamente como energia vital. Assim, a terceira estrofe do soneto leonildiano

Revista de Letras Norte@mentos

apresentado mostra, antes de tudo, atração de energias psíquicas. O primeiro verso deste terceto é salutar em relação a isso: o amor *Eros* é o “ímã” que atrai alguém a outro alguém. Dessa forma, complementa-se a fundamentação profunda do *Eros*: espírito e instinto, corpo e alma o constituem harmonicamente.

No segundo verso, o eu lírico diz: “Se não atrai...amor não é, nem foi jamais”, mostrando a atração de opostos até a integridade total em si. Em *Eros*, a atração dissolve a relação eu-próximo, essencial ao *Ágape*, conforme Rougemont. Dessa forma, “[...]Eros deseja a união, isto é, a fusão essencial do indivíduo no deus [...].” (ROUGEMONT, 1988, p. 55). Portanto, é justamente o intermitente desejo que caracteriza esse amor, é um desejo direcionado e bilateral que busca a obliteração simplista entre dar e receber. O próximo agápico e universal se transforma no outro erotizado e particular.

No verso final desse primeiro terceto, o eu lírico começa por realçar a sensação de eternidade que tem em relação à atração voluptuosa incutida no *Eros*, com o que vai finalizar o poema. Nesse verso, ele critica o que considera o “modismo atual”, ou seja, repudia a ideia de amor tomado apenas como atração ocasional, desejo unilateral sem troca de energia. O eu lírico está preso à paixão inebriante do *Eros* e, nesse sentido, defende a eternidade do amor, buscando blindá-la, ainda que ingenuamente, da ação temporal.

O eterno desejo de unidade com o outro é substancial ao *Eros* e o poema ressalta outra característica essencial a esse amor, que é, segundo Lewis (2017), a união de apenas duas pessoas: “um par-eternidade”, conforme se vê no último verso. Outro aspecto importante a respeito desse amor é que ele é, de certa maneira, nutrido subliminarmente pelo egoísmo, pois é sempre movido pela necessidade de posse mútua, de modo que é caracterizado, pelo próprio Lewis, como um amor-Necessidade, diferentemente dos amores *Ágape* e *Philia* de que tratamos, ambos despojados de contrapartidas (pelo menos imediatas).

Deve-se ressaltar a dialética entre esses tipos ou nuances de amores e as interpenetrações entre eles. O sentimento é complexo e as definições também, de modo que é difícil, senão impossível, explicá-lo linguisticamente, restando apenas divagações e devaneios para organizar mal e mal sua imagem espetacularmente evasiva. No poema acima, vimos o amor *Eros* fulgurar insinuante nos versos. De maneira geral, ele é

caracterizado como chama passageira e flutuante, vigorosa, mas breve. Por outro lado, explica-se por uma segunda concepção mais abrangente, ou seja, a que o tem como pulsão de vida. Amar é morrer a cada instante, é, igualmente, renascer a todo momento, eis a dialética do *Eros*. Amor vital e amor mortal compõem a existência humana.

Em *O amor e o Ocidente*, Rougemont discorre acerca do amor que embala a poesia e a literatura ocidental. Conforme o autor é o “amor mortal” ou “amor paixão” ou ainda “amor fatal” - aquele que devassa e faz sofrer os indivíduos - que toma corpo e se sobrepõe nas grandes obras. No próprio livro ele mostra o mítico caso de *Tristão e Isolda* que vivem o amor em sua tragicidade.

Amor e *morte*, amor mortal: se isso não é toda a poesia, é, ao menos, tudo o que há de popular, tudo o que há de universalmente emotivo em nossas literaturas; em nossas mais antigas lendas e em nossas mais belas canções. O amor feliz não tem história. Só existem romances de amor mortal, ou seja, do amor ameaçado e condenado pela própria vida. O que o lirismo ocidental exalta não é o prazer dos sentidos nem a paz fecunda do par amoroso. É menos o amor realizado que a *paixão* de amor. E *paixão* significa sofrimento. Eis o fato fundamental. (ROUGEMONT, 1988, p. 17. Grifos do autor).

O que Rougemont assinala no excerto acima e exemplifica em seu livro, mostrando a lenda de Tristão e Isolda é facilmente verificável em outras grandes obras literárias e artísticas em geral, como *Romeu e Julieta*, de Shakespeare e *O amor nos tempos do cólera*, de Gabriel Garcia Márquez. Na música, no cinema, no teatro, na poesia são variados os exemplos de produções que tratam do amor nessa perspectiva fatal, impossível, amor que se concatena à presença da morte a todo instante. O amor deseja o obstáculo a todo instante, nos diz Rougemont.

Eros é fortalecido pela presença dos obstáculos sociais, religiosos, entre outros, nutre-se deles. É o amor intempestivo que troca o *próximo* indefinido pelo *outro* definido. O vínculo amoroso no escopo do *Eros* exclui ou arrefece a fraternidade do *Ágape*. Reiteramos, contudo, que na conjuntura poética das duas autoras paranaenses trazidas neste trabalho, a imagética agápica predomina sobre o erótico.

Considerações finais

Buscamos, por meio de alguns poemas, explorar a presença do amor na obra de Leonilda Hilgenberg Justus e Olga Grechinski Zeni, duas poetisas paranaenses nascidas

nos anos vinte do século passado e produtores no interior do Paraná. Apresentamos as nuances do amor que se faz presente nos versos das autoras, dando destaque ao *Ágape*, fortemente presente nas duas obras e ao *Eros*, cuja presença é saliente somente na obra de Justus.

Em relação o *Philia* e ao *Storge*, ambos estão em consonância ao *Eros* e ao *Ágape* nos poemas, haja vista que amizade e afeição não se desconectam do erotismo e da caridade. Para além da conceituação teórica, o amor abrange a complexidade da vida e a vida sem amor é um vazio.

O *Ágape* se atrela à mística religiosa cristã e, por isso, sua força e predominância na conjuntura da obra de ambas. Nascidas no seio de uma cultura marcada pela religiosidade, esta não se desgarrou da obra realizada por Olga e Leonilda de modo que muitas vezes o amor se entrelaça às deidades cristãs, sendo essas fontes trazidas como irradiadoras do sentimento.

Quanto ao *Eros*, reforçamos que (enquanto volúpia) sua presença nos versos de Olga Grechinski Zeni é praticamente inexistente e, mesmo em Leonilda Hilgenberg Justus que o explora nos versos, apresenta um erotismo sutil, no qual se verifica: primeiro, uma submissão do feminino e segundo, o espectro amoroso/erótico verificável na obra da poeta não foge às relações estritas heterossexuais e dentro dos limites dos laços matrimoniais.

Essas são exemplificações de condicionantes que podem estar presentes subliminarmente na poesia em distintas épocas e espaços e não significa propriamente uma crítica às autoras. Pelo contrário, nesse trabalho ressalta-se o vigor do amor como fio condutor que perpassa o imaginário poético de Zeni e Justus e, inevitavelmente tem o intuito principal em mostrar que esse sentimento para além de suas dimensões políticas e filosóficas é substancial à vida e relações humanas.

Referências

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. 6. ed. Tradução de Torrieri Guimarães. São Paulo: Martin Claret, 2013.

BACHELARD, Gaston. *A poética do devaneio*. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. Revisão da tradução de Alain Marcel Mouzart e Mário Laranjeira. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009. (Biblioteca do pensamento moderno).

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain [et al]. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Coordenação Carlos Sussekind; tradução Vera da Costa e Silva [et al.]. 20. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

JUNG, Carl Gustav. *Sobre o amor*. Tradução de Inês Antonia Lohbauer. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2005.

JUSTUS, Leonilda Hilgenberg. *Naquelas horas...* Castro, PR: Kugler, 1985.

JUSTUS, Leonilda Hilgenberg. *O caminho: sonetos*. Ponta Grossa: Gráfica Planeta, 1999.

JUSTUS, Leonilda Hilgenberg. *Pedra sem fendas - sonetos*. Ponta Grossa: Gráfica Planeta, 2002.

LEWIS, Clive Staples. *Os quatro amores*. Tradução de Estevan Kirschner. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.

PAZ, Octavio. *A dupla chama do amor e erotismo*. Tradução de Wladyr Dupont. São Paulo: Siciliano, 1994.

ROUGEMONT, Denis de. *O amor e o Ocidente*. Tradução de Paulo Brandi e Ethel Brandi Cachapuz. Guanabara: Rio de Janeiro, 1988.

ZENI, Olga Grechinski. *Escrínio: poesias*. Irati, PR: Martins & Habib, 1968.

ZENI, Olga Grechinski. *Idílio tropical*. Curitiba: Vicentina, 1985.

ZENI, Olga Grechinski. *Espírito da floresta & pássaros azuis*. 2. ed. Irati, PR [Curitiba]: Vicentina, 2002.

Recebido em 06/09/2022

Aprovado em 10/05/2023